

LWA[®]

REVISTA EDITADA COM O
N.º 86 III 2 AGOSTO 2013



**GUSTO
PATRÍCIO**

DE REGRESSO
AO SONHO DA MÚSICA
pág. 12

CARLOS SÁ

O CAMPEÃO DO
VALE DA MORTE
pág. 34

TOMÁS TIMBANE
BASTONÁRIO DA ORDEM DOS ADVOGADOS

**'FUI PARA
O MEU PRIMEIRO
JULGAMENTO
A TREMER'**

pág. 14

Tomás Timbane

'Não sei se sou advogado DE SUCESSO'

Nasceu e cresceu entre a prisão e o estádio de futebol mais emblemático do país. Queria tornar-se um grande jogador de futebol, mas o destino levou-o para a advocacia. Hoje, é o bastonário da Ordem dos Advogados e um dos causídicos de referência em Moçambique

Entrevista de **Xavier da Ilda** Fotografias de **Júlio Dengucho** e **Mauro Vombe**

Está a fazer o doutoramento em Direito. Quais são os seus planos a nível profissional?

Gostava de já ter concluído o doutoramento, mas, infelizmente, a minha vida pessoal não mo permitiu. Preciso de me concentrar em três mundos profissionalmente: a faculdade, o escritório e a Ordem. Os membros dos órgãos sociais da Ordem não recebem remuneração, portanto tenho de me preocupar um pouco mais com o escritório e a faculdade. Mas gostava de deixar a Ordem forte e sólida, e de ser um interlocutor válido sobre o direito em Moçambique.

E fora da Ordem?

Paralelamente a estes desafios, quero concluir um livro que estou a escrever há algum tempo, um projecto que foi adiado quando entrei na Ordem. Com

tudo isso, o doutoramento fica em segundo plano.

O livro já tem data de lançamento?

Não tenho datas, mas não será para este ano. O que me cativa é escrever e agora não tenho tempo. Sou um pouco solitário e encontro-me na escrita.

Qual será o título do livro?

Vai ser o segundo volume do **Processo Civil**. Provavelmente este ano lanço um livro de textos dispersos. Tenho muitos escritos e penso que poderá ser feita uma compilação, mas não é isso que me cativa. Quero ter um livro e é aquele. ►

O que me cativa é escrever e agora não tenho tempo. Sou um pouco solitário e encontro-me na escrita



Por enquanto, ainda estou a fazer a revisão da primeira edição do volume 1. Não é normal, em Moçambique, um livro esgotar, mas o meu **Processo Civil – volume I**, esgotou. Por isso, estou a preparar uma segunda edição do mesmo livro.

Que livro está a ler neste momento e o que gosta de fazer nos tempos livres?

Estou a ler dois livros, **Fifa Máfia**, de Thomas Kistner, e o **Inferno**, de Dan Brown. Nos tempos livres, que são poucos, mas existem, gosto de estar com a família. A boa música é sempre minha companheira.

Em 2013 foi eleito bastonário da Ordem dos Advogados em Moçambique. Um dos seus objectivos é acabar com a procuradoria ilícita no país. Acha que poderá vencer esta batalha ainda no primeiro mandato?

É possível. Mas, para que isso aconteça, todos os advogados têm de participar, denunciando praticas ilícitas. A sua actuação e união é determinante. Nas eleições, discutimos a questão dos estrangeiros. Havia uma ideia errada de que queria trazer estrangeiros para aqui. Foi um assunto muito discutido. Digo sempre aos colegas que podem contar com a Ordem, e comigo em particular, para fazer aquilo que for necessário para combater essas práticas.

O que está a ser feito nesse sentido?

Estamos a revitalizar a comissão de combate à procuradoria. Trabalhamos com o ministério do Trabalho e a Migração para termos uma articulação integrada, mas também temos que divulgar informações sobre quem pode praticar advocacia em Moçambique, e que documentos se podem exigir. Este é um papel da Ordem, e a fórmula para ganharmos esta guerra é termos o apoio dos advogados. Se eles não denunciarem, nem se preocuparem em fazer o acompanhamento, vai ser muito complicado. Na minha opinião, temos recebido poucas denúncias de advogados que continuam com essa pratica ilícita.

O que faz com que não haja coesão entre os advogados moçambicanos?

BI

Tomás Timbane nasceu há 41 anos na cidade de Maputo. É docente universitário, advogado e mestre em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane. Desde 2008, frequenta o Doutoramento de Direito na mesma Faculdade.

É formador convidado no Centro de Formação Jurídica e Judiciária e Membro do Conselho Pedagógico em representação da Faculdade de Direito. Entre 2010/13, foi presidente do Conselho Jurisdicional da Ordem dos Advogados de Moçambique. Actualmente, exerce a função de bastonário da Ordem dos Advogados de Moçambique, cujo mandato termina em 2016.

É casado e pai de uma filha.

A Ordem também é responsável, mas isso é um problema de crescimento. De 2008 até agora, triplicou o número dos advogados, e, na sua maioria, são jovens. A Ordem ainda se debate com problemas de instalações, organização e estruturação. A Ordem quer receber informações dos advogados, quer que trabalhem no dia-a-dia da instituição. Como a Ordem não está a dar formação e não está ter uma actuação muito eficiente na questão da procuradoria ilícita, os advogados sentem-se desamparados.

A fórmula para ganharmos a guerra contra a procuradoria ilícita é a Ordem ter o apoio dos advogados

Como se pode dar a volta a essa situação?

Acho que é nesta altura que os advogados devem apoiar a Ordem, para depois poderem exigir. As pessoas não podem pensar que, apenas por pagarem quotas mensais, podem exigir que a Ordem funcione bem. A Ordem é uma associação diferente de todas as outras, porque regula o exercício da advocacia. Se os advogados não estiverem presentes na vida da Ordem, quem vai regular é o bastonário e o Conselho Nacional, ou seja, a vontade de uma organização vai ser conduzida por

um punhado de pessoas. Tenho uma opinião muito diferente da de outros advogados, e, se não houver discussão, a decisão será tomada baseada na minha opinião, porque a Ordem decide de acordo com as pessoas que participam dos encontros.

Que significado tem o Direito na sua vida?

Tem um significado muito importante. Vivemos em sociedade e as regras são extremamente importantes. O Direito ajuda-nos a vivermos em sociedade e a entendermo-nos. O país abre-se cada vez mais para o exterior, há investimentos e os investidores só virão com a certeza de que o seu investimento está protegido. Aí, o Direito tem um papel importante.

Quais são os principais desafios que o Direito enfrenta actualmente?

Temos a questão da corrupção, criminalidade, empregabilidade, trabalhadores estrangeiros. Tudo isso é regulado pelo Direito, ou seja, o Direito está em todos os actos da nossa vida e, por isso, existem diversas profissões jurídicas. Apesar de ninguém poder isentar-se da aplicação de penas por não conhecer a lei, o Estado tem a obrigação de difundir a legislação. As pessoas não têm que conhecer todas as leis, mas os princípios mínimos de convivência social.

O que vem preconizado na lei não espelha a realidade moçambicana. O que está na origem dessa situação?

Acho que não existe um desfasamento. Isso é uma questão de bom senso. Todos nós sabemos que a nossa liberdade termina onde começa a do outro. Apesar de as pessoas não conhecerem a lei, nem sempre cometem crimes, justamente porque o que está na lei é uma realidade que foi regulada.

Já defendeu muitos casos. Recorda-se do primeiro que defendeu?

O que me marcou no primeiro caso não foi o facto de estar em frente a um juiz, mas assim a um advogado. Em 1997 eu trabalhava na EMOSE [seguradora], onde o falecido Lopes de Freitas era o responsável do Gabinete Jurídico. A minha empresa tinha duas advogadas, mas uma engra-

Nos tempos livres, que são poucos, gosto de estar com a família. E a música é sempre boa companheira



vidou e outra viajou. Houve um julgamento importante. Não podia ser adiado. Do outro lado estava Máximo Dias, um dos advogados de referência em Moçambique.

Isso perturbou-o?

Fiquei muito intimidado e perguntei ao doutor Lopes se tinha certeza que eu era a pessoa certa para estar naquele julgamento. Ele disse-me uma coisa que me marcou e digo sempre aos meus estudantes: 'Deus não nos manda ganhar, manda lutar'. Naquele momento, pensei em ir falar com o escrivão Manhiça, da 5.ª Secção, que me dava algumas indicações quando eu precisava. E o doutor Lopes disse para não me preocupar, que era um processo sumário crime e explicou-me como devia comportar-me.

O que sentiu durante o julgamento?

Fui para o julgamento a tremer. Não sei

Fui para o meu primeiro julgamento a tremer. Não sei se o Máximo Dias percebeu que eu era inexperiente, mas não explorou isso

se o Máximo Dias percebeu que eu era inexperiente, mas não explorou isso. Creio que a doutora Benvida Levi era a juíza. Não me dei bem, mas aprendi. Agora tenho estado com juízes experientes e inexperientes, e advogados nestas mesmas condições.

Perdeu a causa?

Parece-me que houve um acordo entre a entidade que eu representava e o cliente do Máximo Dias. Na memória, ficou o facto de ter encontrado lá um dos 'embondeiros' da advocacia moçambicana.

Em alguns casos, o advogado tem de defender um criminoso confesso. Já esteve numa situação destas?

No dia em que isso bate à porta da nossa casa, percebemos a importância do advogado em situações deste género. Temos uma lei que diz qual é a pena mínima e máxima para uma pessoa nessas circunstâncias. São quadros referenciais, e o advogado está lá para garantir que estas referências são cumpridas. O advogado ►

serve para fazer cumprir a lei e o juiz cumpre-a. O papel do advogado é apenas de fiscalizar a lei.

A sua estreia como advogado foi com um colega de sucesso, o Máximo Dias. Hoje, é também um advogado muito respeitado na praça. Qual é o segredo do sucesso?

Não sei se sou advogado de sucesso. É preciso muito trabalho e bastante sorte. Apesar das dificuldades da vida, acho que sou uma pessoa muito privilegiada, porque consegui acabar o curso e trabalhar na EMOSE. Aprendi muito durante os dois anos em que lá estive. Em 1999, entrei num escritório de advogados, Couto, Gonçalves Pereira e Castelo Branco. Lá fiz uma carreira de dez anos e foi uma verdadeira escola. Aprendi fazendo e errando. Creio que dar aulas também me ajudou muito.

Considera-se um homem de sorte?

Claro que sim. Não posso dizer que é tudo fruto da minha dedicação. Vejo advogados inteligentes, talentosos e brilhantes, mas sem a sorte que eu tive. Acho que a sorte é importante, mas procura-se e batalha-se. Temos também de nos juntar a quem nos pode conduzir a um caminho melhor. Trabalhei com o Lopes de Freitas e, durante dois anos, com o doutor Rui Baltazar. Foram verdadeiras escolas de vida e profissão.

Por sigilo profissional, a minha mulher não sabe o que faço ou deixo de fazer, e eu também não sei o que ela faz no seu serviço

Continua a estudar?

Tenho estudado muito, e tento estar a par dos novos desenvolvimentos, sobretudo para a área em que trabalho. Tenho dito aos meus estudantes que o facto de ser professor não significa que seja mais inteligente do que eles. Apenas cheguei em primeiro lugar.

É casado...

Casado, pai de uma filha.

Como é ter uma companheira que é também uma colega?

Quando me casei, ela não era advogada. Fez o curso muito mais tarde e acabou por ser minha aluna, mas não é advogada, suspendeu a actividade há algum tempo. Em casa, eu sou o advogado. Falamos uma e outra vez sobre Direito, mas, pelo sigilo profissional, ela não sabe o que faço ou deixo de fazer, e eu também não sei o que ela faz ou deixa de fazer no seu serviço. Ela é conservadora e notária. Portanto, cada um faz o seu trabalho.

É religioso?

Os meus pais iam à igreja, mas a um dado momento cada um de nós decidi como levaria a sua fé. Eu cresci sem ir à igreja. A minha irmã, a quem sigo, começou a rezar na Igreja da Missão Suíça, do Infulene. Foi ela que me convidou a participar na igreja. No início foi um pouco estranho, porque não conhecia o ritual. Mas reencontrei pessoas que não via desde 1984, na escola de Infulene, que são da família Malendza, no bairro São Dâmaso. Falo do Arone, Enoque, Alberto, todos da família Malendza, e do Antoninho Limbau, cujos pais viviam na zona dos meus avós maternos. Estes amigos eram para mim como irmãos.

Como vai para o curso de Direito?

Eu era o único que não gostava de Matemática. Esses meus amigos gostavam de ciências, mas a minha tendência eram as letras. Aliás, se consegui fazer a 11.ª classe, foi graças ao apoio inestimável deles, sobretudo na disciplina de Matemática. Enquanto lhes explicava História, eles ajudavam-me com Matemática. Foi um pouco desta luz que me guiou no caminho para a universidade. O meu gosto pela leitura de biografias, e pela leitura em geral, ajudou-me muito no exame de admissão.

Houve alguém que o influenciasse nessa decisão?

Tinha uma colega que vivia na Liberdade e se chamava Sandra Massangaia. Ia muitas vezes a casa dos pais dela, conversava com ela e com o namorado, que fazia o curso de Direito, o Justino Chone, uma pessoa extremamente inteligente, que fez parte da Ernst & Young até pouco tempo. Já nessa altura ele tinha

Os primeiros meses na universidade foram difíceis porque eu mal dominava o português

uma capacidade de explicação de fenómenos e capacidade de argumentação, que acabei por ficar amigo dele também. Comecei a ter algumas referências e como não gostava de Matemática, ir para Direito foi uma fatalidade.

Como foi a sua escolaridade?

Em 1987, fui estudar para a Escola Secundária da Machava, depois passei para a Escola Secundária da Lhanguene, onde estudei durante três anos. Um mundo completamente diferente do Infulene, onde estudei muitos anos. Por isso, estudar na cidade era uma coisa extraordinária. Em 1991, passei para Escola Secundária Francisco Manyanga. Quando terminámos a 11.ª classe passámos muitos dias a estudar. Eu revia mais História, enquanto os outros estudavam Matemática. Infelizmente nem todos do grupo conseguiram entrar para a universidade. Em 1993 entrei na faculdade de Direito.

Foram complicados os primeiros meses na Universidade?

Foi difícil porque mal dominava o português, era complicado. Nos primeiros dias de aulas, tivemos episódios extraordinários. Um dos meus professores era o Fernando Ganhão (já falecido). Ele tinha uma cultura geral extraordinária, falava dos episódios da História contemporânea de forma excepcional. Eu estava convencido de que conhecia História. Percebi que não sabia absolutamente nada. Além disso, tive um outro professor, o Arão Massangaia, que tinha uma capacidade de adorar o português jurídico de uma forma também extraordinária.

Episódios marcantes no curso de Direito...

Aconteceu algo que me deixou parvo. Tínhamos um colega que entendia muito de filosofia, o António Frangoulis. Ele falava sempre da Grécia Antiga, de Platão, Sócrates, etc. Recordo-me que, num dos intervalos, comentei que aquele curso não



era para mim. O Paulo Chachine ouviu-me e disse que conhecia o Frangoulis, e que o importante era estudar, que não existiam uns mais sabichões do que os outros. Mesmo assim, as palavras deste meu colega não me acalmaram. Continuei estudando e percebendo que o Direito não era um bicho-de-sete-cabeças. Era possível conviver com esses 'dinossauros' e aprender com eles. O objectivo era darmos o nosso melhor.

Recorda alguns colegas de turma?

Muitos. A Ana Maria Gemo, directora do Gabinete Anti-corrupção, António Caetano Sousa, do Costa do Sol, Beatriz Buchili, secretária-geral da Procuradoria-geral da República, António Laice, que esteve como director Nacional do Tesouro até há bem pouco tempo. Estou a falar de figuras públicas, mas também há pessoas que estudaram comigo e com quem ainda mantenho relações muito especiais, tais

como Teodósio da Gama, Miguel Moyana, Aníbal Fernando, Ilda Suzana, Zainadin Dalsuco. Temos tido discussões interessantes sobre direito, futebol e a vida.

Quais são as recordações marcantes da sua infância?

Nasci no Infulene, perto do Estádio da Machava. As minhas recordações principais são de muito futebol, muito desporto. A casa dos meus pais fica no triângulo, isto é, entre o Estádio da Machava e a Cadeia da Central de Maputo, conhecida também por B.O.

Percebi que o Direito não era um bicho-de-sete-cabeças.

Era possível conviver com os 'dinossauros' e aprender com eles

A que costumava brincar com os seus amigos?

As nossas brincadeiras resumiam-se a andar pelo estádio, pela cadeia e algumas diversões que os miúdos da minha geração tinham. Também guardo recordações de muitos jovens do meu bairro que, desde cedo, iam trabalhar para a África do Sul. Para nós, era motivo de muito orgulho quando chegava o final do ano e eles regressavam. Era uma grande alegria receber os nossos irmãos mais velhos. Havia muita festa, animação e diversão na zona.

Quais eram as profissões de seus pais?

A minha mãe sempre foi doméstica e o meu pai era serralheiro e soldador. Ele trabalhou durante muitos anos na África do Sul. Regressou ao país e trabalhou numa empresa chamada Iceberg, que depois se transformou em Enafrio. Mas o trabalho dele foi sempre de serralheiro soldador.

Quantos irmãos tinha?

Éramos sete, faleceu um. Ficaram três rapazes e três raparigas, sendo que sou o terceiro filho, e o mais velho dos rapazes. **O seu pai trabalhou muito tempo na África do Sul. Nessa altura, quem sustentava a família, visto que a sua mãe nunca trabalhou? ▶**

Ela sempre sobreviveu da venda de pequenas coisas. Foi uma vendedeira informal, vendia coisas em casa. Fazia bebida tradicional para vender.

O ambiente em casa era bom?

Havia momentos de muita festa. Os vizinhos iam lá para casa, conversávamos e aprendíamos muito com essas conversas. Até que, entre 1987/89, a minha mãe começou a fazer *mukhero*. Em 1990, na zona da Namaacha, quando regressava da Suazilândia, ela foi baleada. Felizmente saiu com vida, mas até hoje tem as sequelas do acidente.

Como foi seu ensino primário?

Estudei no Infulene. Comecei aos seis anos na Escola Primária do Infulene, perto do Estádio da Machava. Foram quatro anos de muita alegria e entusiasmo. Na altura, os professores não nos deixavam sair da sala de aulas, nem para ir à casa de banho. Até nos batiam se pedíssemos para sair. Era um regime de alguma rigidez. Hoje, percebo que segundo os padrões dos direitos da criança, não é recomendável, mas creio que foram momentos muito interessantes. Depois passei para a Escola Secundária do Infulene, a dois minutos da Cadeia da BO. A meio caminho da casa dos meus pais e da cadeia, estava a escola. Fiz a sexta

Quando os presos tentavam fugir da cadeia, ouvíamos tiros. Por ignorância, até chegámos a participar nas perseguições

classe perto de casa e nunca precisei de transporte para ir à escola.

A sua infância passou-se entre dois mundos diferentes. Por um lado, o Estádio da Machava (o maior e mais conhecido de Moçambique) e do outro lado, a Cadeia Central, também a cadeia mais famosa de Moçambique. Estar entre estes dois ambientes não lhe fazia confusão?

Bem pelo contrário. Havia uma complementaridade. O Estádio da Machava foi sempre um local de muita alegria para nós. Já sabíamos que uma semana antes de um jogo de alta envergadura havia um

treino na Machava e estávamos sempre lá para vê-los antes dos outros adeptos ou do jogo. Por outro lado, crescemos a saber que a Cadeia Central é o sítio onde ficam pessoas que cometem crimes. Aos domingos à tarde, ouvia-se o barulho e os gritos dos presos festejando golos. Mas quando os presos tentavam fugir da cadeia, ouvíamos tiros. Era frequente e nós sabíamos que se tratava de fuga de presos.

Era frequente?

Nos últimos tempos não acontecia com frequência, mas houve um tempo em que era normal. Algumas vezes, por ignorância, até participámos de perseguições aos presos que fugiam da cadeia.

Tem uma lista de grandes jogadores que conseguiu ver?

Tive a oportunidade de ver os jogadores de todas as grandes equipas que estiveram em Moçambique, nomeadamente de Madagáscar, Congo, Egipto, Camarões, etc. Muitas vezes, nem os conhecíamos, não víamos muito a televisão, não se liam jornais. Mas estávamos lá, víamo-los antes do jogo oficial e aquilo era motivo de muito orgulho. Se olhar para a década 80/90, verá que há vários jogadores que nasceram ou viveram no Infulene. Falo do Jamal, os irmãos Abamia e Ali Hassane, Rui, Eugénio, Dinis, etc.

As crianças têm muitos sonhos. Qual era o seu?

Infelizmente, cresci numa zona onde não tinha grandes referências. Muitos trabalhavam na África do Sul, outros jogavam futebol e o meu grande sonho era ser jogador de futebol. Mas também começou a surgir um pouco em mim o gosto pela leitura. Na zona dos meus pais havia um senhor a quem estimo bastante, Alberto Mandava, amigo do meu pai. Ele trabalhava na 1.ª Conservatória do Registo Civil e, todos os sábados, trazia o jornal *Notícias*. Eu, religiosamente às 12h30, estava em casa dele para receber o jornal de sábado e ler as notícias. Antes disso, já lia jornais que apanhava na rua. Numa dada altura, porque lia muitos livros de História e biografias, sur-

giu o desejo de ser historiador. Quando era muito novo dizia com muito orgulho as capitais de todos países de África, quase todos países do mundo, e tentava dizer o nome dos presidentes. Fascinavam-me as histórias de vida dos presidentes.

Como surge a consciência da necessidade de participar activamente na vida do país?

Além deste senhor que me trazia o *Notícias* todos os sábados, havia outro que era adepto do Costa do Sol, Cândido Hommo. Foi graças a ele que me tornei adepto desta equipa, e não do Ferroviário, contrariamente à tradição na minha zona e na casa dos meus pais. Este senhor trabalhava numa instituição pública e, juntos, conversávamos sobre a situação política do país, em 1983/86. Levava-me sempre ao futebol e aprendi muito com ele. Aconteceu um episódio

Quando era novo dizia com muito orgulho as capitais de todos os países de África. E fascinavam-me as histórias de vida dos presidentes

muito marcante na minha vida. Em 1984 e 1985 reprovei na sexta classe, e fiquei um ano sem estudar. Recordo-me que o meu pai conduzia uma carrinha emprestada e fazia alguns negócios. Isso pouco antes de começar a circulação dos 'chapa cem'. Em Novembro de 1986, o meu pai levou-me para a zona da Pandora, para uma loja de reparação de aparelhos. Ficámos lá, à espera do aparelho de rádio que estava a ser consertado. Minutos depois, a estrada foi cortada. Havia um movimento enorme, eram os estudantes das escolas de Maputo que protestavam contra o regime do Apartheid, na sequência do acidente de Mbusine [em que morreu Samora Machel]. Foram para a Embaixada da África do Sul e para Embaixada do Malawi. Fui observando e percebi que estava tudo muito bem organizado. Perguntei-me por que não estava naquele grupo. Aquela imagem nunca saiu de mim.



Foi aí que começou a interessar-se pela política?

Provavelmente nasceu ali uma consciência de cidadania, da necessidade de participarmos na vida do nosso país. Entendi que estudar era uma forma de fazer isso. Desde então, queria que os meus pais conseguissem uma vaga para

eu continuar a estudar e, em 1987, voltei a estudar e nunca mais parei. Ainda hoje estudo.

Por que chumbou?

Por causa do futebol. Em 1984, tinha uns vizinhos que jogavam futebol nas escolas de jogadores do Desportivo. Eles convidaram-me e aceitei ir para o Desportivo, um

clube que, na minha zona, era visto com muita atenção. Naquela altura, em 1984/85, só havia comboio para lá. Todos os dias, um comboio saía do Estádio da Machava em direcção à baixa da cidade, e voltava às 17 horas. De manhã, ia à escola e, à tarde, aos treinos. Isso prejudicou muito a minha *performance* estudantil.

Por que escolheu o Desportivo?

Fomos jogar para o Desportivo porque era um clube que sempre acarinhou jogadores das escolas de iniciação.

Como acompanhou a morte de Samora Machel?

A minha irmã fez uma festa no dia 19 de Outubro, e tínhamos montado uma lona. E como é próprio da zona, no dia seguinte a festa continuou e foi nesse momento que eu soube da notícia. Recebe-mo-la com muita apreensão, foi tudo muito dramático para nós. Tínhamos um

Depois do comício Samora Machel chegou perto de nós e perguntou como estávamos. A voz rouca dele ficou na minha cabeça

carinho muito especial pelo Samora. Eu tinha estado em vários comícios na Avenida 25 de Setembro, nas datas comemorativas, desfiles militares, paradas militares e o que aconteceu no dia 19 de Outubro de 1986 foi um golpe muito duro para todos nós, para aquilo que era o nosso modelo de inspiração.

Quais as expressões marcantes que guarda do Presidente Samora?

São expressões que marcaram não só a mim, mas a todos nós. Recordo-me que, estávamos num desses eventos e queríamos estar perto da tribuna. Depois do comício, o Presidente Samora chegou perto de nós e perguntou como estávamos. Percebi que ele tinha uma voz rouca, e foi uma imagem que ficou na minha cabeça. É a única imagem que tenho do Presidente Samora ao perto. Só o via pela televisão, em jornais. Aquele foi um momento de muita alegria, tinha acabado de estar perto do Presidente. ●